

SEGREGAÇÃO RACIAL NAS FILEIRAS DO ALTO OFICIALATO DA MARINHA GUERRA BRASILEIRA (1908-1932)

NASCIMENTO, Moacir Silva do (autor)
SCHIAVON, Carmem G. Burgert Schiavon (orientadora)
moacir_jc@yahoo.com.br

Congresso de Iniciação Científica
História

Palavras-chave: marinha de guerra brasileira; oficiais; segregação racial.

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa que ora apresentamos, pretendemos analisar o processo de ascensão da representação negra no alto oficialato da Marinha de Guerra Brasileira (MB) abrangendo o período dos anos de 1908 a 1932. Nesta direção, propomos compreender como ocorreu – e se ocorreu – o processo de ascensão dos grupos afrodescendentes no alto oficialato da MB; se prevaleceram aspectos segregacionistas, eugênicos e racistas em relação à população negra, em um primeiro momento no seu ingresso ao oficialato naval e, posteriormente, na sua ascensão aos mais altos postos da Armada. Em busca de respostas para estas problemáticas elegemos, inicialmente, como fontes de pesquisa, os Livros de Registros do *Gabinete de Identificação d'Armada* (GIA), dos anos de 1908 a 1932, por meio de um entrecruzamento de dados desses com os dos *Almanach da Inspectoria de Marinha*, dos quatro primeiros decênios do século XX, ambos os documentos localizados no arquivo da MB.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A partir de um exame inicial das fontes, já foi possível perceber influências racistas no que tange à definição de raça dos militares. Assim, direcionamos nossa reflexão ancorada na percepção teórica de Stuart Hall; primeiro, para externarmos que raça é uma categoria de concepção ideológica e não científica. Em um segundo momento, destacamos que tais discursos ideológico-raciais – por mais que não tenham uma fundamentação biológica – desempenham um papel relevante na construção de uma nação e sua identidade nacional, uma vez que assumem noções culturais que articulam os quadros sociais da época.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Após uma análise prévia e preliminar dos Livros de Registros do *Gabinete de Identificação d'Armada* e dos *Almanach da Inspectoria de Marinha*, com o propósito de realizarmos um cruzamento de dados desses documentos, optamos por utilizar o método da Análise de Conteúdo, conceituado por Roque Moraes e Laurence Bardin, devido seu rigor metodológico e sua possibilidade de produzir sentidos e significados de forma multifacetada. Nesse sentido, na parte final da pesquisa, aplicaremos o método para estabelecermos unidades que, posteriormente, configurarão em categorias; por exemplo, como aquelas relacionadas às unidades semânticas de classificação de cor, que revelam o sistema classificatório da época. A partir dessas categorias, empreenderemos um cruzamento desses dados com os dos Almanques para descobrir até que grau hierárquico chegaram aqueles militares

tidos como “não-brancos”. Desse modo, poderemos identificar e analisar o possível cerceamento da representação negra, dentro das possibilidades de ascensão nos altos postos do oficialato naval.

4. RESULTADOS e DISCUSSÃO

O número de pesquisadores que se debruçaram sobre a condição da população negra na Marinha de Guerra Brasileira pós-abolição é ínfimo. Na vanguarda dessa perspectiva está o professor Álvaro Pereira do Nascimento, autor do livro “*Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910*”, apresentando um estudo sobre o contexto daquela revolta que alterou os rumos da Marinha em diante. No entanto, Álvaro Nascimento atém-se a analisar a condição das praças (marinheiros, cabos e sargentos) nas guarnições dessa Arma, embora ofereça valiosas informações acerca do posicionamento racista de muitos oficiais da Armada naquele momento.

Por sua vez, Fernando da Silva Rodrigues, na obra intitulada “*Indesejáveis: Instituição, pensamento político e formação profissional dos Oficiais do Exército Brasileiro (1905-1946)*”, discute a forma como essa instituição foi concebida, com uma oficialidade formada a partir de critérios discriminatórios de acesso, pensamento que refletia as concepções elitistas e racistas dos grupos dirigentes da sociedade brasileira daquela época. Não obstante, o trabalho de muito fôlego de Fernando Rodrigues, concentra-se no Exército Brasileiro (EB), mas, denuncia uma tendência racista que permeava as instituições brasileiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir uma historiografia acerca das Instituições das Armas sempre foi um trabalho árduo e por demais desafiador, tendo em vista que, rotineiramente, nos deparamos com a arbitrariedade no que diz respeito ao acesso às fontes nos arquivos, bem como ao afastamento natural dos pesquisadores, fato que só veio a diminuir após o advento da redemocratização do país. Desse modo, diante das novas possibilidades e, também, à reconfiguração que a historiografia militar ganhou para o centro da pesquisa histórica no Brasil, visto que os militares estão presentes nos principais eventos do cenário da história brasileira, nos propomos a trazer novos olhares para este tema, ainda, pouco explorado. Para tanto, encaminhamos a pesquisa na perspectiva de trazer à tona a segregação racial presente na condução da formação do quadro de oficiais da Marinha do Brasil, no período de 1908 a 1932.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. 2ª ed. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2007.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2008.
- RODRIGUES, Fernando. **Indesejáveis: Instituição, pensamento político e formação profissional dos Oficiais do Exército brasileiro (1905-1946)**. Jundiaí-SP: Paço Editorial, 2010.